

## O SEMPRE LEGADO DE MACHADO DE ASSIS (TALVEZ MAIS UM EM *MEMORIAL DE AIRES*)

Num texto chamado *Variações sobre o mesmo tema*, que saiu no Correio da Manhã, Rio de Janeiro, segunda seção, p. 1 em 26 de agosto de 1945, Lúcia Miguel Pereira diz que, ao contrário de Proust, Machado não retoma o passado; refere-se, a propósito do autor brasileiro, ao famoso fragmento de Heráclito: "nenhum mortal se banha duas vezes no mesmo rio...". O ensaio que esboçaremos aqui tende a não apenas aceitar, mas também a defender essa afirmação que a própria estudiosa da obra machadiana irá contradizer, em 1958, num outro texto chamado *O Defunto Autor*:

Então, livrando-se do finado desdenhoso, meteu-se na pele do velho amável com quem também se identificara – como as criaturas, seria múltiplo o criador – e, no *Memorial de Aires*, tornou aos casos limitados, aos conflitos sociais, às personagens de claro e firme feitio.<sup>1</sup>

Concordar com essa afirmação seria talvez atribuir ao gênio de Machado de Assis apenas a complexificação das personagens. Reconhecemos, claro, no artesanato a partir do qual o escritor lapida um Brás Cubas, ou uma Capitu, um definitivo elemento para o triunfo de toda uma obra. Porém, não desdobrar outros elementos que amadureceram entrelaçados ao complexo exercício de sutilizar e complexificar figuras humanas pode consistir numa perda. Estamos falando da perda que seria não ver nos textos tardios do Bruxo do Cosme Velho um dedo apontado para frente e não para trás, como quiseram outros críticos além de Lúcia Miguel Pereira. Porém, para que se veja esse dedo apontado para frente, precisamos repensar um pouco o foco argumentativo e não nos centrarmos apenas na lapidação das personagens.

Em que outro foco poderíamos pensar?

---

<sup>1</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. O defunto autor. In: *Escritos da maturidade*: seleta de textos publicados em periódicos (1944-1959). Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1994. p. 33.

Queremos enxergar também o gênio de Machado de Assis na capacidade de perceber as tensões sociais do mundo em que habita e de reduzir essas tensões estruturalmente no nível da ficção.

Esse outro elemento, digno do gênio do autor, provoca-nos a seguinte indagação: se aprendemos com Machado de Assis a projetar através da criação literária uma intervenção efetiva no sistema proposto por Antonio Candido (autor/obra/público), dado que ele (Machado) reduziu na estrutura da ficção a dinâmica social que o cercava, que romance caberia a um ficcionista escrever nos tempos atuais? Que percepções cabe reduzir no nível da ficção num tempo em que os conflitos de classes se reconfiguraram e hoje se dissimulam em meio ao discurso da democracia? Se pensarmos na concepção de romance marxista, desenvolvida por Lukács, por exemplo, as verdadeiras motivações para se narrar uma "epopeia" – uma efetiva tensão oriunda de diferença de classes – não fazem parte do mundo que cerca o ficcionista contemporâneo. Logo, torna-se urgente, não apenas ao ficcionista, mas também ao crítico de literatura, elaborar outras tensões que valham uma redução estrutural..., que valham uma história a ser contada.

O próprio Lukács assinalou essa necessidade de perceber as diferentes exigências nos diferentes contextos quando explicou acerca da transição dos heróis helênicos para os heróis romanescos.

Focando-nos em questões como essas, não é de surpreender que Machado de Assis nos tenha legado narrativas que já apontam para a reelaboração das tensões a serem narradas. Estamos falando de textos como *Memorial de Aires*, "Pai contra mãe" e "O caso da vara", todos os três considerados textos da última fase do escritor.<sup>2</sup> Para os dois contos pensamos num olhar crítico que aponta problemas sociais que se intensificariam no século XX, que apenas engatinhava. Referimo-nos à escravatura e suas consequências, incluindo as consequências da Abolição. Para o derradeiro romance pensamos numa sofisticação narrativa fruto da ambiguidade de narradores já criados e consagrados pelo autor.

---

<sup>2</sup> "O Caso da vara" foi publicado num tempo muito próximo a *D. Casmurro*, portanto não se enquadra no período em que os estudiosos acusam o escritor de certa nostalgia e de enfraquecimento crítico. De qualquer forma, escolhemos esse texto para nosso argumento pela coincidência dos temas e pelo momento histórico (pós-Abolição e República).

Tanto em "O caso da vara" quanto em "Pai contra mãe" notamos circunstâncias em que protagonistas já bastante desgastados pelos regimentos da sociedade que ainda atendia às determinações de senhores autoritários se flagram diante de uma situação em que o poder do castigo cai sobre suas próprias mãos. No primeiro conto, Damião não carrega o estigma da escravidão racial, mas não passa de um rapaz assustado fugindo de uma escravidão que lhe foi imposta como destino, a vida religiosa. Candinho, no segundo conto, pressionado pela falta de emprego e pela pobreza que mataria sua família de fome, dedica-se a um ofício que tinha lá a sua nobreza, para a sociedade da época, dado o favor que cumpria ao regime escravista ainda ativo: ele capturava escravos fujões.

Ambos os protagonistas se envolvem em situações em que, para amenizarem suas próprias penas, acabam fazendo valer o castigo sobre outros escravos – estes sim escravos raciais. Episódio semelhante já ocorrera em Brás Cubas, porém naquela ocasião, em que um escravo liberto humilha em praça pública um outro que não goza da mesma sorte, o que parece estar em jogo é muito mais a vontade de transpor a camada social do que a necessidade de sobreviver.

Voltando então à nossa pergunta (quais tensões poderíamos ficcionalizar hoje), podemos notar que Machado de Assis, mesmo não tendo se engajado na produção artística abolicionista, trabalha nesses contos uma espécie de antevisão de uma grande seqüela social com a qual os séculos XX e XXI teriam, e terão, de lidar; a saber, negros e pobres sem grandes perspectivas de atuação social e profissional se boicotam entre si (para não dizer se matam) em busca de um pouco mais de ar para respirar.

O autor-narrador dos contos "O caso da vara" e "Pai contra mãe" percebe que reestruturar a condição humana e social de quem passou por séculos de trabalho forçado e de liberdade cerceada não consiste apenas em abolir a escravatura. Dar liberdade a um escravo sem que este de alguma forma ocupe um lugar próprio na reconfiguração social é o mesmo que lançar gladiadores em uma arena para que apenas o mais forte, ou sagaz, sobreviva.

Se nossa procura da tensão social que mereça ser reduzida ao nível da ficção se resumisse aos motivadores históricos sociais, chegaríamos (por que não?), após caminharmos com Graciliano Ramos e outros regionalistas de meados do século XX, a

Paulo Lins e sua *Cidade de Deus*. Poderíamos dizer, *grosso modo*, que Damião e Candinho atravessaram quase todo o século e viram seus filhos e netos se matarem por drogas na terra do "Trio Ternura".

Porém, esse dedo que Machado de Assis aponta para frente parece nos sensibilizar apenas na ordem do conteúdo, ao passo que Lukács nos ensinou que a mudança pela qual a literatura passa, nos diferentes momentos históricos, afeta sobretudo a forma. Com isso, a antevisão de Machado de Assis triunfa justamente no romance em que parte da crítica o acusa de olhar para trás.

Voltemos a Lúcia Miguel Pereira.

Anos após ter afirmado aquilo que recortamos acima sobre *Memorial Aires*, a estudiosa do autor retoma o assunto num texto intitulado "Machado de Assis e nós":

A frescura nova e imprevista do seu livro de velhice, daquele delicioso *Memorial de Aires*, vem de ter desistido da busca que o atormentou, e se limitado a evocar e reviver, esquecido das mulheres e dos homens em geral, todo ocupado pela sua mulher, e por si mesmo. Mais fraco do que outros livros como pensamento, supera-os – à exceção do *Dom Casmurro* – como romance.<sup>3</sup>

Não podemos concordar com a ideia de que essas memórias evocam uma desistência, e menos ainda podemos concordar que essa desistência se aplique à busca "que o atormentou". Pois, no nosso entender, essa busca, que fundia a vontade de ascender socialmente com um rigoroso aprimoramento crítico, ganha em sofisticação e sutileza no último romance.

Muito já se dissertou sobre a perspicácia e sutileza do velho Casmurro, bem como sobre o discutível caráter do sempre falecido Brás Cubas, e o quanto ambos os narradores transformaram a relação entre leitores e narradores. Ambos, Brás e Casmurro, intervieram de forma decisiva e, poderíamos dizer, de forma corrosiva na estrutura do romance que se praticava no Brasil da época. No entanto, os inúmeros trabalhos que se ocuparam desses dois romances, assim como as inúmeras leituras que fizemos de suas narrativas, nos possibilitam entender com facilidade a acidez do projeto

---

<sup>3</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *A leitora e seus personagens*: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943) e em livros. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992. p. 288.

crítico do autor. Em contrapartida, *Memorial de Aires* ficou subavaliado como o livro da nostalgia. Bonito, mas nostálgico.

A leitura que propomos para o derradeiro romance de Machado de Assis busca nessas memórias a poesia entrelaçada dos narradores cínicos e ludibriadores; da mesma maneira como busca a poesia entrelaçada de uma Helena e uma Iaiá Garcia (por que não?).

Se é possível enxergar personagens de feitiço romântico, ou totalmente românticos, bem como histórias de amores e desamores em *Memorial de Aires*, não podemos por isso esquecer a sutileza com a qual um velho conselheiro solitário tenta convencer o leitor de que não deseja a jovem viúva; afinal, por mais que o velho Aires desvie o foco da atenção do leitor para (e com) sua refinada *politesse* não podemos nos dar por satisfeitos quando esse engenhoso diplomata nos diz que é feliz por ver o jovem casal se unindo.

A limpeza e a reticência do texto que dá origem às memórias também depõem a favor do amadurecimento estético que Machado de Assis nunca deixou de perseguir. Pensemos na ironia. Será que ela ficou de lado? O que dizermos sobre um simples encontro na rua narrado da seguinte maneira?

Ao sair hoje de casa, vi passar na rua, do lado oposto, a irmã do corretor Miranda, Dona Cesária, tão risonha que parecia falar mal de mim, mas não falava, ia só – ou falava de mim consigo; mas só consigo não teria tanto prazer.  
Cumprimento-nos e seguimos.<sup>4</sup>

É prudente concordarmos quando um crítico afirma que Machado tenha voltado às histórias limitadas. Afinal esse romance, narrado em primeira pessoa (a exemplo dos dois livros aceitos como os mais fortes em pensamento), se ocupa da história de amor entre dois jovens unidos por pais postiços, bem como da fadiga de pessoas que, já tendo atingido uma certa idade, sentem-se velhos para o amor. Mas insistamos na forma. Será que o cínico Brás Cubas não aprimora sua arte ao se disfarçar em diplomata e rir sutilmente das pessoas, e de si mesmo, perante os dissabores da

---

<sup>4</sup> ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. NUPILL (<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/bdnupill/>). Acesso em 27 de fevereiro de 2008.

vida? Será que o cordeiro manso, ao qual se referiu Lúcia Miguel Pereira, não esconde em si as artimanhas narrativas do meticuloso Casmurro, que usou e abusou do poder da palavra? Será que o conselheiro Aires não pintou para nós uma viúva semelhante à primeira Helena para dissimular o quanto ele desejava que ela fosse mais parecida com a segunda? Pois bem, se no conteúdo desse romance podemos talvez perceber uma visita à primeira fase do autor, não estaríamos sendo ludibriados novamente pelo gênio machadiano, porém desta vez ludibriados por um mais complexo entrelaçamento do conteúdo com a forma?

Se no caso dos contos citados o conteúdo social parece ser o ponto forte da antevisão machadiana, poderíamos entender que no derradeiro romance a forma quase esconde os eternos tormentos através de uma insinuante homogeneidade.

É possível, diríamos até plausível, que Machado de Assis nos deixe ainda hoje como herança caminhos apontados para uma redução estrutural no nível da ficção, ou para a redução ficcional no nível da estrutura, pois bem sabemos que os ficcionistas contemporâneos zelam sobremaneira pela limpeza e pela não determinação de verdades.

Já no que concerne ao segundo questionamento feito acima – quais tensões ficcionalizar num tempo em que o conflito de classes não ocupa a frente da cena social – Machado nos ensina que a intervenção política e social feita através da literatura pode não estar necessariamente no posicionamento engajado, no sentido partidário do termo, mas sim nos dramas individuais, que, paradoxalmente, o atual discurso da democracia se encarrega de isolar cada vez mais.

O que queremos sugerir com essas perguntas é que Lúcia Miguel Pereira estava certa em 1945, quando aproximou Machado de Assis de Heráclito, pois, no nosso entender, o autor de *Memorial de Aires* não se banhou em rios em que outrora já mergulhara.

Cristiano de Sales  
UFSC / Capes

Cristiano de Sales é doutorando em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista Capes e pesquisador do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL). Publicou, em parceria com Alckmar Luiz dos Santos, *Literatura Brasileira I*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.